



(DES) APROXIMAÇÕES ENTRE BELL HOOKS E GENI NÚÑEZ: o amor como meio revolucionário

(DIS) APPROXIMATIONS BETWEEN BELL HOOKS AND GENI NÚÑEZ: Love as a Revolutionary Means

(DES) APROXIMACIONES ENTRE BELL HOOKS Y GENI NÚÑEZ: El amor como medio revolucionario

Beatriz Borges Brambilla¹, Sandra Gagliardi Sanchez² & Camila Varella Berlinck³

Resumo: O presente trabalho se propôs a explorar a complexidade do amor e de suas definições a partir de uma análise comparativa da obra de duas autoras. As autoras escolhidas foram bell hooks e Geni Núñez, conhecidas por suas produções acerca do amor, desde uma perspectiva descolonial e de oposição ao amor romântico. Realizou-se uma pesquisa documental comparativa a partir dos seguintes documentos: 1. O livro Tudo sobre amor: novas perspectivas de bell hooks; 2. O capítulo O amor como prática da liberdade de bell hooks; 3. O capítulo Prática do amor de bell hooks; 4. O livro Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar; 5. Palestra

¹ Beatriz Borges Brambilla é docente vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP - e Universidade Católica de Santos - UNISANTOS. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9157-8593>. E-mail: Bbbrambilla@pucsp.br.

² Sandra Gagliardi Sanchez é docente vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2450-4070>. E-mail: ssanchez@pucsp.br.

³ Camila Varella Berlinck é Psicóloga, Pós-graduanda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde do Estado de São Paulo. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0006-4355-5067>. Email: cvarellab.08@gmail.com.

Monogamia e identidade na clínica de Geni Núñez. A análise propiciou um levantamento das aproximações e afastamentos entre as autoras e suas percepções acerca do amor enquanto uma prática decolonial. Destaca-se que ambas as autoras se aproximam na forma de compreensão do amor enquanto uma prática, uma ação direcionada para a liberdade. Contudo, se afastam nas definições de algumas críticas e posições em relação às instituições do capital, diferenças que têm origem principalmente nas compreensões epistemológicas de cada autora, que partem de lugares distintos, uma vez que uma fala de uma perspectiva crítica do feminismo negro dos Estados Unidos e outra de uma radicalidade da descolonização proposta por povos indígenas guarani.

Palavras-chave: amor; decolonialidade; literatura

Abstract: The present work aimed to explore the complexity of love and its definitions through a comparative analysis of the work of two authors. The chosen authors were bell hooks and Geni Núñez, known for their writings on love from a decolonial perspective and in opposition to romantic love. A comparative documentary research was conducted based on the following documents: 1. The book *All About Love: New Visions* by bell hooks; 2. The chapter *Love as the Practice of Freedom* by bell hooks; 3. The chapter *The Practice of Love* by bell hooks; 4. The book *Decolonizing Affects: Experimentations on Other Ways of Loving*; 5. The lecture *Monogamy and Identity in the Clinic* by Geni Núñez. The analysis provided an overview of the similarities and differences between the authors and their perceptions of love as a decolonial practice. It is noteworthy that both authors converge in their understanding of love as a practice, an action directed toward freedom. However, they diverge in their definitions of some critiques and positions regarding capitalist institutions, differences that primarily stem from the epistemological understandings of each author, as they come from distinct places—one speaks from a critical perspective of Black feminism in the United States, while the other from the radicality of decolonization proposed by the Guarani indigenous peoples.

Keywords: love; decoloniality; literature

Resumen: El presente trabajo se propuso explorar la complejidad del amor y sus definiciones a partir de un análisis comparativo de la obra de dos autoras. Las autoras elegidas fueron bell hooks y Geni Núñez, conocidas por sus producciones sobre el amor, desde una perspectiva decolonial y en oposición al amor romántico. Se realizó una investigación documental comparativa a partir de los siguientes documentos: 1. El libro *Todo Sobre el Amor: Nuevas Perspectivas* de bell hooks; 2. El capítulo *El Amor Como Práctica de la Libertad* de bell hooks; 3. El capítulo *La Práctica del Amor* de bell hooks; 4. El libro *Descolonizando Afectos: Experimentaciones Sobre Otras Formas de Amar*; 5. La conferencia *Monogamia e Identidad en la Clínica* de Geni Núñez. El análisis proporcionó una visión general de las aproximaciones y diferencias entre las autoras y sus percepciones del amor como práctica decolonial. Cabe destacar que ambas autoras convergen en su comprensión del amor como práctica, una acción orientada hacia la libertad. Sin embargo, divergen en sus definiciones de algunas críticas y posturas en relación a las instituciones capitalistas, diferencias que surgen principalmente de las comprensiones epistemológicas de cada

autora, ya que provienen de lugares distintos: una habla desde una perspectiva crítica del feminismo negro en los Estados Unidos, mientras la otra desde la radicalidad de la descolonización propuesta por los pueblos indígenas guaraníes.

Palabras clave: amor; decolonialidad; literatura.

INTRODUÇÃO

O amor tem sido enunciado, definido, estudado e celebrado ao longo dos séculos das mais diferentes formas. Compreender a amplitude do amor e das relações amorosas é, de uma forma, lançar olhar para a complexidade da história, uma vez que, como explicita a historiadora Mary Del Priore (2005):

Cada cultura reserva-lhe um espaço privilegiado em seu sistema, representando-o à sua maneira. Há quem diga até que ele é uma invenção do Ocidente. E o amor não muda só no espaço, mas no tempo também. O de ontem não é o mesmo de hoje. Isso porque, diferentemente dos tubarões, o amor e as formas de amar se transformam ao longo dos séculos. (Del Priore, 2005, p. 9)

As transformações que o amor sofre ao longo dos séculos, se traduzem não só nas mudanças do viver e sentir cotidianos, como também na experiência cultural e política das sociedades. Nesse sentido, os registros e produções literárias são espaços privilegiados de acesso à cultura (Cury, 2009), o amor enunciado enquanto narrativa histórica ou enquanto teoria, definem e registram e falam de um determinado amor e de sua forma de expressão.

Autoras feministas descoloniais tem produzido esforços para localizar o amor não enquanto um sentimento inato, mas algo aprendido e ensinado no seio da sociedade capitalista, responsável por definir reafirmar as diferentes formas de opressão colonial. O que consideramos como modelo de amor é uma herança do amor romântico burguês, utilizados historicamente como mecanismos de controle dos corpos de mulheres (Zanello, 2018). Esse amor define as relações heterossexuais monogâmicas como único arranjo relacional possível, trata-se de uma moral afetiva que elege para as mulheres a relação monogâmica como objeto de intensa dedicação e desejo. A experiência do amor é gendrada e, a partir do momento que compreendemos essa perspectiva, percebemos como as produções na literatura, na música, no cinema e nas mais diferentes áreas, servem como tecnologias de gênero (Zanello, 2018) que reafirmam a posição do amor na sociedade, e a conduta dos sujeitos homens e mulheres em relação a esse amor.

Por meio dessa pesquisa, buscamos comparar, sintetizar e explorar obras escritas por mulheres que propõe um rompimento da dimensão do amor colonial. Almejamos aqui trazer uma leitura do amor que contemple a luta do feminismo decolonial em afirmar a prática de um amor revolucionário e libertador, defendido e teorizado por bell hooks e por Geni Núñez.

BELL Hooks

bell hooks (1952-2021), é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, uma escritora, professora e intelectual estadunidense que dedicou sua pesquisa e obra às questões de gênero, raça, classe, assim como à temática da educação e do amor. bell hooks teve uma ampla carreira acadêmica, lecionou e palestrou por diversas universidades nos Estados Unidos, tratando principalmente acerca dos Estudos Afro-americanos e Estudos de Gênero. A autora conta com mais de 30 livros publicados e é uma referência central para as discussões sobre o feminismo negro e educação. Para esse trabalho, iremos nos dedicar a explorar a perspectiva de bell hooks sobre o amor, um dos eixos de grande importância de seu trabalho.

As obras de bell hooks estão inseridas em um contexto mais amplo de emergência dos debates e do movimento do feminismo negro ao longo dos anos de 1970 e 1980, principalmente nos anos 1980 em que cresceram o número de publicações de mulheres negras e se destacam obras centrais para o movimento feminista, como Angela Davis e Audre Lorde. bell hooks está inserida em um contexto de luta e de ampliação do alcance e da voz de mulheres negras, que colocam em análise a história e as especificidades das vivências de mulheres racializadas na sociedade capitalista.

bell hooks está inserida em um cenário de efervescência teórica e política. A primeira obra publicada pela autora *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo*, de 1981, é considerado uma referência central para as discussões contemporâneas sobre feminismo e raça. A origem do título do livro já nos introduz a questões centrais nas discussões sobre o direito das mulheres nos Estados Unidos, uma vez que faz referência a uma fala de denúncia feita em um encontro de mulheres sufragistas em 1851. O discurso foi feito por Sojourner Truth, uma mulher negra que havia sido escravizada, e ficou conhecido como “Ain’t I a Woman”, em português “e eu não sou uma mulher?”, uma denúncia de como o movimento de mulheres sufragistas, liderado por mulheres brancas e ricas,

silenciava e marginalizava as mulheres negras. Esse discurso, assim como o de outras mulheres militantes da época, como Anna Cooper e Amanda Berry Smith, expõe as violações e o grau de subalternidade a que as mulheres negras estavam submetidas (hooks, 2015).

O esforço do feminismo negro era de produzir pensamentos que se afastassem da lógica do discurso de dominação (Velasco, 2019). Encontramos na obra de Patricia Hill Collins, autora contemporânea a bell hooks, aspectos centrais que determinam e caracterizam uma epistemologia do pensamento feminista negro, um esforço para construir discursos e percursos teóricos que quebram com a lógica de dominação da branquitude.

Destaca-se um ponto essencial da “epistemologia alternativa” (Velasco, 2019) que permite a construção do conhecimento de forma potente, e que se torna uma marca na obra de bell hooks. O conhecimento é constituído e construído desde a experiência vivida, se opondo a uma visão positivista de ciência que se propõe objetiva, “Na epistemologia feminista negra, a história é contada e preservada em forma de narrativa e não de uma posição analítica” (Velasco, 2019, p. 96).

A experiência de vida de bell hooks é um eixo central de sua obra, os relatos sobre suas experiências na vida pessoal, profissional e na atuação política, e aquilo que observa em suas aulas no contexto das universidades, são marcas importantes na sua escrita e suas teorizações. Isso se dá ao passo que a autora compreende a indissociabilidade entre a vivência subjetiva e o atravessamento de questões estruturais e políticas, como a violência, o racismo e o patriarcado. bell hooks escreve suas teorias a partir de sua prática nos mais diferentes campos da vida.

bell hooks escreve no prefácio de *Tudo sobre o amor* que “o desamor tinha se tornado a ordem do dia” (hooks, p. 26, 2021), e para combater essa lógica, sua obra surge como um esforço de retornar ao amor. O amor que bell hooks se refere em sua obra é um amor que ultrapassa a paixão e caminha no sentido da libertação.

Compartilho dessa crença e da convicção de que é ao escolhermos o amor, ao começarmos com o amor como base ética para a política, que nos posicionamos melhor para transformar a sociedade de maneira a aprimorar o bem coletivo. (hooks, 2023, p. 406)

bell hooks afirma que há uma confusão sobre definições do amor, uma vez que não é possível encontrar uma definição clara sobre o que seria esse sentimento, ou prática, como a autora propõe, uma vez que os autores se esquivam desse trabalho (hooks, 2021). Em um esforço de localizar e identificar esses discursos e definições, hooks analisa e comenta sobre algumas obras dedicadas a pensar o amor apresentando que, de forma geral, o amor que é falado é o amor romântico, um amor que é focado na experiência da atração sexual, nos relacionamentos afetivos como namoro e casamento e que são moldados pela realidade de uma sociedade capitalista que carrega em si uma ética de exploração e de dominação.

É necessário detalhar o significado desse amor romântico que está inserido na cultura do capital, compreendendo que este se desenvolve e tem grande apelo em uma sociedade governada por uma cultura de trocas. Dentro do contexto do capitalismo competitivo de consumo, é ensinado aos sujeitos a concepção do amor como uma prática comercial, supõe-se um sistema de compra e venda de necessidades que é o motor subjacente a todas as interações. Nesse cenário, hooks (2023, p. 406) afirma: “Sem saber amar ou até mesmo o que é o amor, muitas pessoas se sentem emocionalmente perdidas; outras buscam definições, formas de sustentar uma ética do amor em uma cultura que nega o valor humano e valoriza o materialismo.”

O amor é encarado como algo necessário apenas como um meio para satisfação de desejos pessoais, acompanhado de uma tendência de tratar o amor como uma droga, algo que quando consumido oferece um “êxtase imediato e prolongado” (hooks, 2021, p. 148). hooks investiga as origens dessa visão do amor, destacando sua profunda ligação com os processos que aconteceram nos Estados Unidos a partir dos anos 1970, com o avanço das guerras imperialistas e o fortalecimento e promoção em massa da cultura neoliberal. hooks aponta que as guerras imperialistas como a do Vietnã e do Afeganistão representaram um processo violento que “havia criado abundância econômica, mas deixado em seu rastro devastação e ausência.” (hooks, 2021, p. 141).

Como forma de sustentar e atribuir significado aos horrores das guerras imperialistas, a política e a máquina de propaganda dos Estados Unidos tornaram-se importantes veículos de disseminação da ideologia neoliberal. Essa ideologia era promovida por meio de propagandas e ideais que buscavam enaltecer a cultura do consumo material e do dinheiro, fortalecendo um ideal caracterizado por um

narcisismo patológico, uma alienação do outro e uma valorização extrema das conquistas individuais, servindo como justificativa e suporte para as guerras imperialistas (hooks, 2021).

Houve um declínio no discurso e nas lutas pela libertação, amor e paz. bell hooks observa que o assassinato de líderes políticos como Martin Luther King e Malcolm X, figuras centrais na luta anti-imperialista e antirracista, são fatores marcantes que geraram um sentimento de desespero e desamparo social, afastando cada vez mais o amor do discurso e da luta coletiva (hooks, 2023).

A autora argumenta que, nesse cenário, o patriarcado e o capitalismo se fortalecem mutuamente para garantir que o amor seja uma arma que justifique espaços de violência e exploração dentro da instituição familiar e nas relações afetivo-sexuais. A estrutura patriarcal da sociedade confere privilégios aos homens que atuam como um mecanismo de fortalecimento do poder masculino, afirmando que “homens poderosos podem fazer o que bem entendem, que essa a liberdade que os torna homens” (hooks, 2021, p. 80), e tomando como pressuposto essa liberdade, os homens mentem, abusam e violentam mulheres como forma de obter poder sobre elas.

A masculinidade patriarcal exige que meninos e homens não só se vejam como mais poderosos e superiores às mulheres, mas que façam o que for preciso para manter sua posição de controle. Esse é um dos motivos pelos quais homens, bem mais do que mulheres, usam a mentira como modo de ganhar poder nos relacionamentos. (hooks, 2021, p. 82)

Mesmo dentro desse cenário de violência patriarcal, há um discurso cultural de que é possível o amor florescer em uma situação de dominação. De um lado, homens são levados a crer que são merecedores do amor, sem produzir nenhum esforço ou trabalho em direção a ele. Ao lado disso, há uma ênfase e uma afirmação de que todos os relacionamentos possuem algum grau de disfunção, de violência e abuso em si, levando a crer que nesses espaços que o amor é compatível com a dominação (hooks, 2021).

As teorizações de bell hooks sobre o amor estão no lado oposto à essa compreensão. Em suas obras é notável o esforço de definir o que é o amor, como ele pode ser identificado, nomeado e praticado, assim como também é notável o empenho de distinguir a experiência do amor de situações de abuso e violência. Logo no primeiro capítulo de *Tudo sobre o amor* bell hooks (2021, p. 48) afirma: “Amor e abuso não podem coexistir”. O esforço da autora é no sentido de

desenvolver uma definição da práxis do amor, se opondo aos outros escritores que fogem de uma definição clara sobre ele.

A palavra "amor" é um substantivo, porém a maioria dos teóricos mais perspicazes dedicados ao tema reconhecem que todos nós amariamos melhor se considerássemos o amor como uma ação. (hooks, 2021, p. 46)

hooks destaca que essa vontade de agir em direção ao amor implica em escolha, rejeitando a concepção de amor como um impulso instintivo, mas sim como algo que deve ser aprendido (hooks, 2021). Ao longo da obra de bell hooks é perceptível o esforço de definir o amor enquanto uma prática e uma ação libertadora.

Em *Escrever além da raça: teoria e prática*, hooks apresenta uma definição clara sobre o amor, afirma: “sempre que fazemos o trabalho do amor, fazemos o trabalho de acabar com a dominação. O amor é uma combinação de cinco fatores: acuidade, compromisso, conhecimento, responsabilidade e confiança” (hooks, 2022, p. 298).

O amor é compreendido enquanto um fenômeno que pertence à esfera da prática coletiva e política. Ao longo de sua obra, bell hooks vai explicitando e evidenciando que escolher o trabalho do amor, ou assumir uma ética amorosa, é afirmar um caminho comunitário, coletivo, através do qual é possível produzir encontros de afirmação crítica e de diálogo (hooks, 2021, 2022, 2023).

O texto *Amor como prática da liberdade*, publicado originalmente em 1994, se dedica à produção de uma análise política da situação dos movimentos civis, desde o prisma do amor. hooks situa o amor como um caminho dos sujeitos se afastarem de uma ética da dominação, um aspecto que deveria ser fundamental nas lutas pela libertação. A autora observa que políticos e militantes tendem a agir contra a dominação quando sentem sua própria integridade ameaçada, e aponta que, se as lutas sociais fossem baseadas em uma ética amorosa, seria possível romper com essa forma de desejo egocêntrico por mudança, em um processo de ampliação da nossa preocupação e indignação frente a situações de opressões de outros (hooks, 2023).

A doutrina de dominação da supremacia branca é um fator organizador da sociedade ocidental, todos estão submetidos à uma lógica de cultura que socializa os sujeitos, ensinando-os a acreditar e reproduzir hábitos que sustentam a ficção da diferença racial (hooks, 2022). “Com muita frequência, a política da

supremacia branca e suas noções concomitantes de raça e racismo levam as pessoas negras e todos os demais a reproduzir diariamente hábitos que carecem de integridade.” (hooks, 2022, p. 294), trata-se de uma cultura pautada na violência, preconceito, discriminação e na dominação.

hooks aponta que, para ultrapassarmos as marcas culturais violentas impostas pelo racismo, devemos adotar estratégias de descolonização do nosso pensamento. Trata-se de um processo que, fundamentado no amor, fortalece a consciência dos sujeitos em direção à realidade livre de opressões. O processo de descolonização da mente, e um afastamento da lógica de dominação supremacista branca, só é possível por meio do amor. “Devemos ousar amar. Devemos reconhecer o amor como a prática transformadora que nos libertará em corpo e mente.” (hooks, 2022, p. 297).

GENI NÚÑEZ

A segunda autora que utilizaremos para a discussão do amor enquanto prática revolucionária é Geni Núñez, uma ativista indígena guarani, psicóloga e escritora, conhecida pelo seu trabalho e estudos no campo do gênero e da descolonialidade. A autora e pesquisadora vem ganhando notoriedade por conta de sua pesquisa e contribuição sobre a afetividade desde uma perspectiva descolonizada, enquanto uma prática libertadora.

Geni Núñez é doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina, membro da comissão de direitos humanos do Conselho Federal de Psicologia e assistente da comissão Guarani Yvyrupa. Núñez, publicou em 2023 seu livro *Descolonizando Afetos: experimentações sobre outras formas de amar*, onde traz seu estudo sobre a monogamia e sua relação com a violência colonial e sobre os caminhos e possibilidades acerca da não monogamia. Utilizaremos esse livro e a transcrição de uma fala que a pesquisadora fez em 2021 na V Semana de Psicologia e Fenomenologia da PUC-SP, intitulada “Monogamia e colonialidade na clínica”.

A pesquisa de Geni Núñez parte de uma análise histórica de cartas jesuíticas, como uma forma de investigar a origem e as maneiras que o projeto colonizador impôs uma “monocultura de afetos que persiste desde 1500 até os dias de hoje” (Núñez, 2023, p. 25). Ela aponta que a monogamia é uma parte

central do projeto colonial português, pois trata-se de um projeto civilizatório operado por meio de uma moral cristã, pela qual se buscou erradicar as perspectivas indígenas de intimidade.

A monogamia tem um papel central no projeto de colonização cristão ao passo que é compreendida como um meio de garantir o sucesso da catequização, garantindo uma adesão ao batismo e o sucesso do movimento missionário (Núñez, 2023). Como Núñez aponta,

O objetivo de catequizar e evangelizar todos os povos do mundo parte de um lugar de "fazer o bem", de levar o amor e a salvação, e é justamente aí que temos um ponto crucial: por vezes somos ensinados/as/es a associar opressão racismo e demais violências algo relacionado ao ódio, ao mal; mas para contra colonizar, ou seja, para fazer um esforço contrário à colonização, precisamos reconhecer que é justamente em nome do bem, da família e do amor que a maior parte das violências se perpetua. (Núñez, 2023, p. 27)

É em nome da família e do amor que se impõe o que a autora chama de um sistema de monocultura (Núñez, 2021). Esse sistema se expressa na imposição do monossexismo, através da heterocisnormatividade, no monoteísmo e no cristianismo, como únicas experiências espirituais possíveis e na monogamia, imposta como única forma de viver os afetos. Núñez aponta que a monocultura se “constrói como uma identidade parasitária” (Núñez, 2021), não permitindo concomitância de nenhuma outra possibilidade de existência, as identidades coloniais não permitem a existência de um “também”. Um dos meios pelo qual a violência colonial atua é no processo de apagamento cultural de qualquer forma que fuja da monocultura, uma vez que a cultura cristã deve ser a única vigente. Nos relatos dos jesuítas, atos como “a nudez, as relações de poligamia entre os membros das aldeias e a condução de suas vidas através do pajé” (Lima e Menezes, 2008 apud Núñez, 2023, p. 43) eram amplamente condenados, em uma tentativa dos padres em corrigir essas práticas, como uma forma de afastar os povos indígenas do que consideravam selvagem e animalesco. Núñez (2023) destaca que, para os povos Guarani a não monogamia representa um modo essencial de sua cultura. Nesse sentido, houve uma iniciativa de resistência dos modos de vida tradicionais desses povos, ordenada principalmente por lideranças espirituais, como uma forma de fortalecer sua identidade cultural.

A discussão sobre “não monogamia a partir de uma perspectiva indígena” (Núñez, 2023, p. 48), parte de uma análise das implicações da monogamia na vida

cotidiana, tratando-se de um fator estruturante da sociedade colonizada, é a origem e a marca de diferentes situações de violência.

O primeiro aspecto que a autora destaca é a relação da colonialidade, e consequentemente da monogamia, com uma forma determinada de lidar com o tempo (Núñez, 2021, 2023). A centralidade do tempo na monogamia pode ser traduzida, em parte, pela frase clássica associada à cerimônia do casamento católico: “até que a morte nos separe”. Na monogamia e no casamento cristão, há um termo normativo que expressa a impossibilidade de dissolução do vínculo amoroso, o casamento é um sacramento católico, é tido na tradição cristã como um casamento com Deus e por isso nunca deve ser quebrado (Núñez, 2021). Como destaca a autora, essa compreensão de casamento está presente nas violências misóginas, principalmente no feminicídio. Núñez (2023) destaca que a violência contra as mulheres, mais do que ser uma expressão do machismo e da misoginia, é uma expressão clara de como a monogamia serve enquanto “alimento ideológico para essas práticas (de violência)” (p. 36).

A defesa da monogamia no âmbito jurídico é renovada regularmente, podendo ser entendida como uma defesa ao direito da propriedade, da previdência e da herança, aspectos centrais para a manutenção do estado capitalista e da instituição familiar, na qual o trabalho doméstico e de cuidado são exercidos por mulheres de forma não remunerada, em nome do “amor” (Núñez, 2023).

No processo de colonizar e universalizar as formas de viver o amor e as relações, “A monogamia e o amor romântico orientam uma grande centralização da existência em torno da relação romântica” (Núñez, 2023, p. 63 e 64), se relacionar amorosamente se torna sinônimo de trabalho e cansaço, de abdicação dos sonhos pessoais, de relações familiares e de amizades em nome da estrutura casal (Núñez, 2023).

Diante desse cenário, compreendemos a monogamia além de uma simples estrutura relacional, mas sim como um pilar de sustentação do modo de vida capitalista. O colonialismo opera na exploração dos recursos naturais, com o objetivo de esvaziar completamente rios e matas, e opera da mesma forma na exploração do território corpo, na produção de trabalho compulsório (Núñez, 2023). Diante desse cenário, a não monogamia é a possibilidade de retomar os espaços de cultivo da vida.

A vida é um laço de interdependências, e, para que seus fluxos se movimentem de maneira saudável, é necessário que o cuidado seja reparador. Todos os seres

merecem bem viver para além de sua utilidade, de sua funcionalidade para os outros. Que as expressões afetivas sejam também sobre transbordamentos e abundâncias, e não apenas sobre faltas e necessidades. (Núñez, 2023, p. 116)

Nessa direção, a autora aponta a não monogamia como um não modelo, que aliado à luta anticapitalista e anticolonial (Núñez, 2021), deve ser produzido de forma artesanal. Como explica em sua palestra:

Aqui, queria apresentar minha nova perspectiva, que tenho chamado de artesanania dos afetos. “Artesania” no sentido de que é preciso que consigamos dar a nossa cor, nosso cheiro, nossa história e nosso tamanho às nossas relações (Núñez, 2021)

A ideia de “artesanania dos afetos” aborda a possibilidade de tecer redes e relacionamentos, desfazê-los e repensá-los, viabilizando o cuidado nas relações a partir da particularidade de cada sujeito, de forma que ele possa circular entre os sujeitos e não seja exercido exclusivamente por mulheres, como é de praxe na monogamia (Núñez, 2021, 2023).

Nessa construção prática, Geni Núñez mostra que ao caminhar em direção à não monogamia, no processo da descolonização dos afetos, o exercício da coletividade é algo central. Geni Núñez dedica um tópico de seu livro para esse processo, em que ela analisa que, para que haja a possibilidade de novos tipos de vínculo, é necessário “um trabalho emocional e psicossocial comunitário” (Núñez, 2023, p. 115). Há a necessidade de um comprometimento coletivo, incentivando a autonomia, a redistribuição do trabalho e o cuidado, fugindo do individualismo e do egoísmo neoliberal e colonial (Núñez, 2023). Trata-se de um convite para reconhecer nossa interdependência, de reconhecer que “Precisamos do ar, da água, da terra, do alimento; precisamos uns dos outros o tempo todo. Nossa interdependência e cuidado circular fazem a saúde da vida.” (Núñez, 2023, p. 114).

O amor é uma prática coletiva, atravessada não só por outros sujeitos, mas por toda nossa história de vida, política e social, dependendo também do nosso ambiente, do ar que respiramos, do solo por onde circulamos.

Em vez de a demonstração de amor se expressar na promessa de sua exclusividade, que sua expressão mais concreta e nítida seja no cotidiano. Pela qualidade do tom, aroma e som dos dias é que atestamos a qualidade do amor que vivemos. Que isso nos seja mais real do que todos os medos imaginados. (Núñez, 2023, p. 143)

DISCUSSÃO: (des) aproximações

O amor exerce um papel central nas teorias apresentadas, enquanto um sentimento que é ao mesmo tempo base e guia para uma prática libertadora. As autoras compartilham concepções sobre o amor que se afastam e se aproximam ao passo que nos aproximamos dos seus contextos de produção. Ao identificar esses pontos de (des)aproximações, podemos produzir uma leitura comparativa e uma prática potente baseada e direcionada para o amor.

Para iniciar essa discussão, considero relevante retornarmos a ideia de epistemologia alternativa, exposto no texto sobre a construção teórica do feminismo negro, que representa a importância da narrativa na formulação teórica das autoras. Em relação às obras analisadas, é notável os esforços de Geni Núñez e bell hooks, em apresentar suas realidades e suas experiências de vida em suas escritas, e esse é um dos aspectos basais que tornam suas obras bastante distintas. Os textos de bell hooks foram escritos por uma mulher negra nos Estados Unidos dos anos 1990 e 2000, como já explicitado acima, anos marcados pelo avanço econômico e de políticas neoliberais no país e no mundo, principalmente por meio das guerras imperialistas. Por sua vez, Geni Núñez fala de uma realidade contemporânea, os textos foram escritos por ela, uma mulher indígena Guarani, no início dos anos 2020, anos marcados pela pandemia de COVID-19 e pelas atuações de um governo de direita ultraconservadora, com atuações racistas, misóginas e lgbtqi+fóbicas, que incentivou um genocídio em território nacional contra populações e comunidades indígenas (Conselho Indígena de Roraima, 2023).

Além das diferenças na experiência do tempo histórico das autoras, destaca-se também as diferenças epistemológicas, de percepção de mundo, entre elas. Geni Núñez apresenta logo na introdução o fato de sua obra e suas reflexões estarem centralizadas na cosmogonia de seu povo, partindo de uma perspectiva guaraní sobre as questões da colonização e das monoculturas (Núñez, 2023). A epistemologia e a cosmogonia Guarani partem da ideia de reflorestar a terra e o imaginário desde uma visão colaborativa e igualitária entre as diferentes formas e camadas da vida, em um caminho no qual o humano não ocupa uma posição central (Núñez, 2023b). Segundo a autora, o caminho da epistemologia Guarani, “convocam não apenas a uma resignificação do que é mente e corpo, natureza e

cultura, selvagem e civilizado, humano e animal, mas a uma desistência/desobediência ao binarismo que as formula.” (Núñez, 2023b, p. 27). Há uma profunda diferença na compreensão de saúde e de relações comunitárias. Nesse sentido Núñez coloca a linguagem Guarani como evidência dessa diferença,

Minha mãe me contou que, em Guarani, ela não conhece palavras específicas que denotem posse. Em vez de dizer que somos “donos” de algo, falamos que estamos em sua companhia. O rio não é nossa propriedade, o vento também não; não somos proprietários de nenhuma existência. Aprendi também com o parente Guarani Nhandeva Alberto Tavares que nossa linguagem já “reflete a espiritualidade guarani, livre de posses”. (Núñez, 2023, p. 20)

bell hooks, por sua vez, parte de uma base epistemológica muito distinta em relação ao amor. Em suas obras, principalmente nos capítulos de *Tudo Sobre Amor* e em "Prática do amor", é evidente a influência das igrejas cristãs negras do sul dos Estados Unidos, assim como a influência da filosofia zen budista na sua teorização (Silva, 2021). bell hooks relata sobre a passagem que teve na igreja cristã durante a infância, deixando claro como as ideias e os princípios do amor como salvação e como prática coletiva, surgem dessa experiência religiosa.

Para muitos de nós, a igreja foi o lugar onde ouvimos pela primeira vez uma contranarrativa a respeito do amor, que diferia das mensagens confusas aprendidas em famílias disfuncionais. As dimensões místicas da fé cristã (a crença de que todos somos um, de que o amor é tudo) que me foram apresentadas na infância pela igreja constituíram um espaço de redenção. (hooks, 2021, p. 111)

A igreja cristã negra, e líderes como Martin Luther King, são grandes referências de hooks para tratar do amor (Silva, 2021; hooks, 2022). A ideia do amor como salvação surge de uma relação da perspectiva cristã, mas também se une às referências do zen budismo, principalmente do monge Thich Nhat Hanh, partindo de uma filosofia que se funda nos termos de uma prática budista socialmente engajada com a compaixão (hooks, 2021).

Essas diferenças na posição histórica, subjetiva e epistemológica entre as autoras é o que marcam suas desaproximações. Os mais de vinte anos de diferença entre os textos e a escrita feita em um país do sul global por uma mulher indígena, e outro em um país no centro do capitalismo por uma mulher negra, trazem marcas diferentes enquanto corpos de sujeitos colonizados, análises e necessidades políticas diferentes, mas que em diversos aspectos se complementam. Dentre os aspectos convergentes e complementares entre as

teorias, destaco aqui três pontos a serem explorados: a família, o amor romântico e o amor enquanto prática descolonial.

A caracterização da família entre as duas autoras é bastante semelhante. Ambas partem de perspectivas críticas em relação à instituição familiar, apontando o impacto do patriarcado e da dominação masculina na construção de um espaço que fabrica e impõe de forma violenta os papéis de gênero (Hooks, 2021, Núñez, 2023). hooks (2021) afirma que a família nuclear se torna um espaço de poder que assume tendências autocráticas e fascistas, onde o papel do pai pode facilmente ser associado à de um governante absoluto. No livro de Geni Núñez (2023) encontramos uma confluência com essa perspectiva, ao passo que ela identifica na etimologia da palavra família, que deriva da palavra em latim que se refere a escravos domésticos de um senhor, as raízes de uma instituição fundada na violência e na hierarquia.

Há uma linha de argumentação que liga o trabalho das duas autoras, que, em um esforço de caracterizar a família, assumem uma posição crítica e convidam os leitores a fazer essa análise desde a noção dos excessos até das violências na família. Destaco aqui citações de cada autora para exemplificar esse processo:

No livro *Tudo sobre amor*, bell hooks aponta que há um discurso social nos Estados Unidos amplamente divulgado sobre relacionamentos disfuncionais. Esse discurso funciona, não como uma forma de crítica, mas como uma forma de normalizar essa disfunção. Nas palavras dela:

Quanto mais se põe atenção em laços disfuncionais, mais a mensagem de que famílias são todas um pouco ferradas se torna o senso comum, mais popular se torna a ideia de que famílias são assim mesmo. Assim como no consumo hedonista, somos encorajados a acreditar que os excessos da família são normais, e que anormal é acreditar que alguém possa ter uma família funcional, amorosa. (hooks, 2021, p. 148)

Nesse trecho, a autora caracteriza um discurso cultural que justifica e normaliza a presença de violência nas relações familiares, entendendo os abusos como algo que seria comum de todas as famílias. Nesse sentido, em relação ao discurso cultural de justificar as situações de violência na família, Geni Núñez tem uma passagem em seu livro em que diz: “Nos ensinam na família que respeito é obediência, que autonomia de pensamento é ofensa, egoísmo e ingratidão. Que família deve se manter unida apesar de tudo.” (Núñez, 2023, p. 102)

Tanto no livro *Descolonizando afetos* de Núñez, quanto em *Tudo sobre amor*, há um esforço de nomear e identificar as disfunções nos laços familiares, compreendendo que se trata de um marco histórico da constituição da instituição família, associada ao machismo e à violência patriarcal. Nesse caminho as autoras se encontram, mas se afastam conforme avançam na discussão sobre as formas de construir outros laços ou possibilidades de família.

bell hooks aponta para um caminho em que é possível pensar a família em moldes funcionais e reafirma a importância de celebrar e cultivar espaços e experiências de família em que é possível identificar uma ética amorosa,

A menos que todos possamos imaginar um mundo em que a família não seja disfuncional, mas um lugar em que o amor exista em abundância, condenaremos a família a ser sempre apenas um lugar de dor. (hooks, 2021, p. 239)

A autora apresenta uma esperança de encontrar nos moldes de família uma possibilidade de cuidado e de relações que não sejam marcadas pela coerção ou pelo constrangimento (hooks, 2021).

Quando coletivamente movermos nossa cultura na direção do amor, poderemos ver essas famílias amorosas mais representadas na mídia. Elas se tornarão mais visíveis em todas as esferas da vida comum. Então, com esperança, ouviremos essas histórias com a mesma intensidade com que temos ouvido narrativas de dor e abuso violentos. Quando isso acontecer, a felicidade visível das famílias funcionais vai se tornar parte de nossa consciência coletiva. (hooks, 2021, p. 239)

Nesse sentido, é possível afirmar que hooks vê um caminho de mudança coletiva da forma de se perceber e vivenciar a família, sem precisar agir de forma radical em direção às suas estruturas. Geni Núñez, por sua vez, compreende essa relação de forma oposta. Nas palavras da autora:

O desejo de ressignificar a família, de ressignificar a monogamia ou a heteronormia por vezes vem do imaginário de que no fundo esses sistemas seriam bons e saudáveis e de que o problema seria apenas a execução de alguns. (Núñez, 2023, p. 106)

Núñez constrói um caminho de questionamento dos sistemas impostos pela lógica colonial, ela propõe um afastamento dessas relações e construção de novas, entendendo que “nem tudo deve ser ressignificado; talvez haja sistemas que devam mesmo ser destruídos” (Núñez, 2023, p. 60). A autora identifica que não apenas a prática das relações é violenta, mas principalmente sua própria base ideológica (Núñez, 2023).

Compreendo que em se tratando de pessoas muito feridas pelas violências coloniais. Uma das formas de defesa pode ser justamente tentar ressignificar ideia de família, de deus, de respeito e de responsabilidade e esse é um caminho possível, mas não podemos esquecer também que desistir de apostar nesses mesmos sistemas, criar outras palavras, outros sentidos também é uma possibilidade. Parte do exercício de descolonização é justamente não mais atribuir uma essência anterior às estruturas organizadas em nome de deus família, em nome do bem, porque justamente a crença nisso que nos faz tentar repeti-las. (Núñez, 2023, p. 60)

Núñez apresenta um discurso revolucionário e que leva o exercício de descolonização em seu caráter radical de rompimento com as estruturas da ideologia capitalista, enquanto hooks procura brechas e possibilidades dentro dos sistemas, como forma de torná-los mais amorosos. Por tanto, encontramos uma diferença de método entre as duas teorias, em que uma refere-se a um processo radical de descolonização e outra busca o fortalecimento da ética do amor dentro das estruturas já postas.

Em relação à caracterização do amor romântico, é possível notar uma aproximação maior entre as perspectivas propostas pelas autoras. Tanto na obra de bell hooks, quanto na obra de Geni Núñez, acompanhamos um processo de caracterização e de formulação da ideia de amor enquanto prática ética e política, que para definirem o que é o amor libertador, afirmam a diferença entre ele e o amor romântico.

É interessante destacar que, nesse esforço para definir o amor, as autoras caminham de forma muito semelhante em suas construções textuais. Os textos são construídos em um processo dialético da caracterização do amor, que ora se define na negação de uma forma de amar hegemônica, ora como espaço de reivindicação de um caminho possível em uma prática de vida libertadora.

Sobre o amor romântico, bell hooks afirma que se trata de uma das ideias mais destrutivas do pensamento humano, uma vez que sua narrativa leva as pessoas acreditarem que é possível alcançar o amor sem um trabalho e uma escolha direcionada a ele (hooks, 2021). Segundo hooks “Poucos de nós entram em relacionamentos românticos tendo capacidade de receber amor” (hooks, 2021, p. 200), isso acontece pela nossa falta de compreensão do que é o amor, de uma noção que independente de nossos esforços, o amor romântico virá até nós e que não é preciso nenhum tipo de trabalho ou reflexão em sua direção (hooks, 2021).

A falta de clareza em relação ao amor e a promoção da fantasia de uma união sem esforço, de uma química que une e faz com o sujeito caia de amores, é

um dos fatores que bell hooks aponta como prejudiciais nas relações, por levarem os sujeitos a repetir experiências de abuso, coerção e manipulação, justamente por não terem clareza do trabalho do amor em direção ao crescimento espiritual (hooks, 2021).

Núñez (2023), caminha nesse mesmo sentido, afirmando como a falta de clareza em relação à estrutura das relações amorosas, as tornam campos propícios para situações de violência. Assim como mostramos na discussão sobre a família, a autora propõe um resgate de um olhar crítico em direção à estrutura dos relacionamentos amorosos, dedicando um olhar cuidadoso às implicações da moral monogâmica na experiência afetiva dos sujeitos, principalmente de mulheres e de pessoas sexo-gênero dissidentes. Destaca-se que, por carregar em si a obrigatoriedade da exclusividade afetiva sexual e da dedicação intensa na relação, além de um ideal de permanência que é incompatível com a produção de vida, o amor romântico pode ser entendido enquanto um aprisionamento (Núñez, 2021, 2023).

Assim como bell hooks (2021), Geni Núñez (2023) aponta como é comum, nos caminhos do amor romântico, cair em uma prática de depreciação de si e do outro, que vem justamente do desejo e do sentimento de posse e controle absoluto sobre o corpo e a afetividade da pessoa com quem se relaciona. A manipulação é um aspecto que as autoras trazem em comum ao se referirem ao amor romântico, sendo apontada como uma das ferramentas que constrói relações baseadas em hierarquia e violência (hooks, 2021; Núñez, 2023).

Mais especificamente sobre a manipulação, hooks (2021) aponta como livros de autoajuda e sobre relacionamentos amorosos encorajam o pensamento patriarcal e validam ideais machistas, que propagam a ideia de, para que seja possível que mulheres estejam em relacionamentos amorosos, é preciso aceitar certo grau de desconfiança e manipulação. Sobre esses discursos, hooks aponta:

A mensagem que transmitem às mulheres é de que relacionamentos são sempre e apenas associados ao poder, à manipulação e à coerção, que têm a ver com conseguir que alguém faça o que você quer, mesmo contra a vontade da pessoa. Eles ensinam mulheres a usar ardis femininos para jogar o jogo do poder, mas não oferecem orientações sobre como amar e ser amada. (hooks, 2021, p. 186)

Esse é um outro aspecto de aproximação entre as autoras, ambas identificam um forte discurso cultural que incentiva o uso da manipulação e da chantagem

como meios de manutenção do amor romântico. É possível destacar uma passagem de Geni Núñez que também representa essa marca cultural, a saber;

A violência em relações abusivas com frequência é ilustrada apenas pela agressão físico-psicológica ao outro, mas a autopunição também pode fazer parte das chantagens e abusos. “Se me ama, não me faça sofrer” pode vir desde o lugar de poder das famílias contrárias a pessoas sexo-gênero dissidentes até das demandas da monogamia. As punições ao direito de si nem sempre são diretas; muitas vezes a forma mais eficaz de chantagear alguém é demonstrar um sofrimento intenso quando essa pessoa desobedece ao cerceamento (Núñez, 2023, p. 126)

Em um cenário no qual o relacionamento afetivo sexual, nos moldes do casamento heterossexual, ocupa uma centralidade fundamental (Núñez, 2023), todos os meios de garantir a união se tornam válidas, independente do resultado de desamor que é produzido no processo (hooks, 2021). Diante disso, as autoras apontam para um apagamento de formas de relações não conjugais, algo que acontece em nome de manter a centralidade e singularidade dos relacionamentos afetivo-sexuais. bell hooks demonstra essa questão narrando sua própria experiência com o casamento:

Fui criada de forma convencional para acreditar que esse relacionamento era “especial” e deveria ser reverenciado acima de todos os outros. A maioria dos homens e das mulheres nascidos nos anos 1950 ou antes era socializada para passar que casamentos e/ou compromissos românticos de qualquer tipo deveriam ter prioridade sobre todos os outros relacionamentos. (hooks, 2021, p. 168)

Podemos acessar aqui a obra de Geni Núñez (2023) como uma ampliação dessa afirmação de bell hooks, entendendo que essa definição do casamento e do amor romântico com um aspecto principal na criação de homens e mulheres, permanece para além dos anos 1950.

Na formação de família, quando dizem “escolha alguém que você ama para viver com você”, não se fala de qualquer amor, mas do amor que se tem pela pessoa com quem se relaciona sexualmente. Pouco se questiona se esse deveria ser realmente o principal critério para essas decisões, e com isso vemos que a noção de orientação sexual está muito mais ligada a uma orientação política do que a uma descrição neutra das atrações. Ela busca designar uma hierarquia relacional que só faz sentido no padrão familiar e monogâmico. (Núñez, 2023, p. 104)

É interessante notar como a questão dos critérios de escolha é colocada na dimensão do amor e do casamento, trata-se de uma experiência e perspectiva compartilhada das autoras, que colocam em análise o próprio sentido da união conjugal e como essa perspectiva, de priorizar esse modelo de relação, silencia

outras formas amorosas. Nos trechos acima, fica muito clara a aproximação entre as autoras na compreensão de que, a priorização do amor ou de um relacionamento especial não significam o sucesso dessas relações, como é prometido pela ideologia monogâmica. Nas palavras de Geni Núñez, “A promessa de exclusividade não garante cuidado, afeto e, paradoxalmente, nem a própria exclusividade.” (Núñez, 2023, p. 136).

Além disso, é possível destacar em ambos os textos que essa direção do amor romântico, que define uma superioridade do casamento, empobrece outros laços relacionais. Nesse sentido, as autoras abrem espaço para o questionamento e o reflorestamento de outros laços amorosos. bell hooks (2021) afirma,

Não há amor especial reservado exclusivamente para parceiros românticos. O amor verdadeiro é a base de nosso envolvimento com nós mesmos, com a família, com os amigos, com companheiros, com todos que escolhemos amar. (hooks, 2021, p. 168)

Em sintonia com essa perspectiva, Geni Núñez nos convoca a questionar e repensar o amor e nossas relações de amizades:

Para quem você envia poemas, músicas, flores? Com quem você pensa em viajar, passear, dormir? Na monogamia as amizades são o plano B do amor, o estepe, o complemento. A amizade é bem-vista desde que não ouse borrar as “sagradas” fronteiras do amor e sexo; apenas esse amigo é tido como confiável. É preciso desconstruir o binarismo tanto desse amor quanto dessa amizade, pois um informa o outro. Perguntemos: só consigo me sentir amado se demonstrarem desejo sexual por mim? Só consigo intimidade através do sexo? Quais companhias invisibilizo quando me digo só? Quem me inspira paixão e encantamento? É preciso desorientar-se do caminho reto para desfrutar de outras errâncias. (Núñez, 2023, p. 105)

Somos convidados a partir desses trechos a questionar e nos afetar em relação ao que definimos enquanto prioridade de relacionamentos. Nos faz pensar quais formas de amar temos vivido e, nesse caminho de uma falta de clareza de escolha, de uma cultura que nos empurra na direção do amor romântico, como podemos nos envolver, e escolher estar, em outros movimentos. Sobre a relação de amizade, hooks (2021), tem uma passagem que se aproxima muito do trecho transcrito acima de Geni Núñez. Nas palavras de hooks

Uma vez que escolhemos nossos amigos, muitos de nós, da infância à vida adulta, temos nos voltado para eles em busca de carinho, respeito, conhecimento e do empenho geral para promover o nosso crescimento que não encontramos na família. (hooks, 2021, p. 165)

Encontramos e vivemos o “amor verdadeiro”, como hooks (2021) define, principalmente fora das relações afetivo sexuais. Contudo, diante de uma realidade que define um manejo afetivo que não prioriza essas relações, vivemos um apagamento do amor e uma aproximação de um estado de desamor. bell hooks (2021) expressa a experiência do amor e do desamor da seguinte forma:

O amor nos faz sentir mais vivos. Quando vivemos num estado de desamor, sentimos que poderíamos muito bem-estar mortos; tudo dentro de nós é silêncio e imobilidade. “Assassinato da alma” é o termo usado pelos psicanalistas para descrever esse estado de morte em vida (hooks, 2021, p. 221)

O amor é definido pelas autoras como uma experiência de potencialização de vida e dos vínculos (hooks, 2021; Núñez, 2023). No livro de *Descolonizando afetos*, há uma passagem em que Núñez afirma:

Para mim, a descolonização dos afetos faz parte da afirmação e celebração da vida, mesmo quando ela nos desafia, mesmo quando nos perdemos, mesmo quando o sentido muda. Aliás, é justamente por isso tudo que estamos falando de vida, de movimento. As flores de plástico podem não mudar de gosto, de cor e de cheiro, mas não são vivas; a gente sim. (Núñez, 2023, p. 168)

Com isso, vejo sentido em terminar essa afirmação das (des)aproximações entre as autoras com uma afirmação de bell hooks (2021, p. 240), que diz que quando passou “a caminhar pela trilha do amor” ficou impressionada em como aspectos de sua vida foram profundamente alteradas.

Em um esforço de síntese, é possível afirmar que, tanto Geni Núñez, quanto bell hooks, constroem suas narrativas e suas práxis, tendo como base a ideia do amor enquanto um movimento, individual e coletivo, que abre um caminho para uma vivência de afeto que visa, nas palavras de hooks (2021) o crescimento espiritual, ou como podemos concluir desde Núñez (2023), uma experiência de autonomia e liberdade. Avalio que, essa forma de compreender e falar sobre o amor, é o que mais aproxima as duas autoras.

CONCLUSÃO

Pensar o amor em uma perspectiva não hegemônica, como fazem Geni Núñez e bell hooks, é um convite para refletir sobre as potências e os caminhos para um mundo voltado à liberdade. Como exposto anteriormente, muito da escrita das autoras é marcada pela história dessas mulheres e de suas

comunidades, o que impulsiona a importância e o sentido de falar sobre o amor. A experiência da escrita de Geni Núñez e bell hooks se aproxima muito do que Conceição Evaristo define enquanto *Escrevivências*, um método pesquisa/escrita que apresenta uma possibilidade de uma escrita marcada pela experiência pessoal, pela história de vida, pelo corpo e afeto, como forma de partilhar a vivência de si, produzindo conhecimento e encontrando ressonância com os leitores (Lino e Mayorga, 2017; Gomes Filho et al., 2021).

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas (Soares e Machado, 2017, p. 206).

Esse movimento de identificação com a escrita é o que torna a discussão sobre amor algo que ultrapassa a barreira da mera descrição de um sentimento. As obras escolhidas para esse trabalho falam de análises e vivências de amor por uma mulher negra estadunidense- bell hooks- e uma mulher indígena brasileira- Geni Núñez-. Essa marca da experiência de vida em corpos subalternizados pelo projeto colonialista (Gomes Filho et al, 2021) é o que permite que o discurso sobre o amor seja feito desde uma prática libertadora, entendendo-o em sua dimensão ético-política.

Em vista disso, é interessante notar como na obra de ambas as autoras o colonialismo aparece como uma grande marca subjetiva e social em suas vidas. O projeto colonial enquanto um “vetor de produção de subjetividades e de subalternização” (Gomes Filho et al, 2021, p. 129), que define a branquitude, a heterocisnorma e o cristianismo como valores universais de superioridade (Núñez, 2023) marcam vidas pela violência e dominação da supremacia branca (hooks, 2022). Dizer isso significa dizer que, o cenário que contextualiza as obras das autoras é marcado por uma história e um sistema de crenças que promoveu o genocídio de pessoas negras e indígenas, em nome do desenvolvimento de um modo de viver capitalista (hooks, 2021; Núñez, 2023), esse modo de colonização atinge terras brasileiras e estadunidenses de maneiras distintas, mas que são fundamentalmente iguais no que tange a violência e o apagamento de modos de vida.

O esforço das autoras é de, justamente, fortalecer os caminhos para a descolonização dos pensamentos, abrindo possibilidades para uma experiência coletiva de libertação e de valorização das subjetividades e dos corpos

racializados, “reivindicando valores humanizadores em meio à desumanização e ao holocausto” (hooks, 2021, p. 296). Diante de condições históricas de dor, violência e exploração, pensar a afetividade e o amor é um caminho para o cuidado (Ortega et al, 2023).

Quando mulheres negras são capazes de reconhecer seus sentimentos, consequentemente reconhecem suas necessidades, possibilitando assim o cuidado de si e se afirmarem enquanto sujeito no processo emancipatório. (Ortega et al, 2023, p. 194)

Aqui estendemos essa afirmação também para diferentes vivências de mulheres racializadas. Nesse mesmo sentido, temos a afirmação de Conceição Evaristo de que, quando mulheres racializadas escrevem “há um movimento poderoso que desrecalca e torna audíveis vozes coletivas sistematicamente silenciadas ou faladas pelo desejo do outro” (Natália, 2024, p. 15).

Não à toa Geni Núñez e bell hooks são consideradas referências para falar sobre o amor. As marcas da violência colonial, mas principalmente as marcas da resistência contra colonial através da afirmação dos afetos, levam a uma escrita revolucionária, que constrói e aponta um caminho em que o amor é possível, contrariando a política de morte colonial.

Por fim, vejo sentido em acabar com uma frase de bell hooks que nos convoca em direção ao amor: “Devemos ousar amar. Devemos reconhecer o amor como a prática transformadora que nos libertará em corpo e mente” (hooks, 2021, p. 297).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariléa de. “Bell hooks”. In: **Enciclopédia Mulheres na Filosofia**. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/bell-hooks/#:~:text=As%20motiva%C3%A7%C3%B5es%20que%20levaram%20hooks,pelos%20espa%C3%A7os%20editoriais%20e%20acad%C3%AAmicos>. Acesso em: 13 dez. 2023.

ALMEIDA, Mariléa de. “Crítica à subjetividade capitalista: autoestima, espiritualidade e amor em bell hooks”. In: **Editora Elefante**. Disponível em: <https://editoraelefante.com.br/critica-a-subjetividade-capitalista-autoestima-espiritualidade-e-amor-em-bell-hooks/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA (CIR). NOTA SOBRE SITUAÇÃO DO POVO YANOMAMI. 2023. Disponível em: <https://cir.org.br/site/2023/01/23/nota-sobre-situacao-do-povo-yanomami/>. Acesso em: 10 maio 2024.

COSTA, Grace Campos et al. **O AMOR É UMA CONSTRUÇÃO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DE “TUDO SOBRE O AMOR: NOVAS PERSPECTIVAS”** (2020), DE BELL HOOKS. **Albuquerque: revista de história**. Aquidauana: UFMS v. 26, n. 13, p. 194-201, 2021.

CURY, Maria Zilda Ferreira. **ESCRITORES LATINO-AMERICANOS E A TRADIÇÃO: Machado de Assis, Borges e Ricardo Piglia. Cadernos de Estudos Culturais**. 2009 Campo Grande: UFMS, v. 1, n. 2, p. 137-147, set. 2016.

DORLIN, Elsa. **Revolução do feminismo negro!. Revista Ártemis**. João Pessoa: UFPB, v. 27, n. 1, p. 63-88, 2019. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.46699>.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos *et al.* A ESCRIVIVÊNCIA DO CORPO NA COMPOSIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO DECOLONIAIS. **Bagoas: Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 14, n. 22, p. 124-154, jul. 2021.. Acesso em: 17 maio. 2024.

HOOKS, Bell. **Cultura fora da lei: representações de resistência**. São Paulo: Elefante, 2023.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.

HOOKS, Bell. **Escrever além da raça: teoria e prática**. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

ORTEGA, Mariana Xavier et al. Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista. **Askesis**, São Carlos: v. 12, n. 1, p. 189-212, jan. 2023.

LESSA, Sergio. **A atualidade da abolição da família monogâmica. Revista Crítica Marxista**, Campinas: v. 35, p. 41-58, 2012.

LINO, Tayane Rogeria et al. **MULHERES, CIÊNCIA E A ESCRITA DE SI: desafios epistemológicos da enunciação de mulheres na ciência contemporânea. Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande: UFMS v. 2, n. 18, p. 155-177, 2017.

NATÁLIA, Livia. **Prefácio à edição brasileira**. In: HOOKS, Bell. **Comunhão: a busca das mulheres pelo amor**. São Paulo: Elefante, 2024. p. 76-210.

NÚÑEZ, Geni. **Relações afetivas, sexualidade e identidade na clínica**. São Paulo: Semana de Fenomenologia da PUC-SP, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xFogMcgfOkA&t=2306s>. Acesso em: 06 mar. 2024.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar**. São Paulo: Paidós, 2023.

NÚÑEZ, Geni. **Perspectivas guarani sobre binarismos da colonização: caminhos para além das monoculturas**. *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, v. 15, n. 40, p. 01-31, 2023.
<http://dx.doi.org/10.5965/2175180315402023e0101>.

PRIORE, Mary del. **História do Amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Silvane. **A prática do amor como potência para a construção de uma nova sociedade**. In: HOOKS, Bell. **Tudo Sobre Amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021. p. 9-22.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em. acessos em 17 maio 2024.

VELASCO, Mercedes Jabardo. **Construindo pontes: diálogos a partir do/com o feminismo negro**. *Revista Ártemis*, João Pessoa: Portal de Periódicos UFPB, v. 27, n. 1, p. 89-114, 2019.. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.46700>.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

Artigo Recebido em: 30 de agosto 2024.

Artigo Aprovado em: 04 de agosto de 2025.